

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro



Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online

ISSN 2175-5361
DOI: 10.9789/2175-5361

PESQUISA

Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil

Practice and knowledge of nurses about child autism

La práctica y el conocimiento de las enfermeras acerca del autismo infantil

Romeika Carla Ferreira de Sena ¹, Elda Medeiros Reinalde ², Glauber Weder dos Santos Silva ³, Maura Vanessa Silva Sobreira ⁴

ABSTRACT

Objective: assessing the knowledge and practice of nurses of the Family Health Strategy about autistic disorder. **Method:** an exploratory research of a qualitative approach consisting of 15 nurses. There was used a semistructured interview. Data analysis was made by the representational analysis. It was approved by the Committee of Ethics in Research of the University of Rio Grande do Norte (CEP/UERN nº 124/11). **Results:** it became evident insecurity and fragility in nurses' knowledge about autistic disorder, because they have failed to define autism or demonstrated experience with autistic people and report the lack of training turned to the above topic. **Conclusion:** there was knowledge deficit by the nurses about infantile autism and the inexistence of practical interventions with autistic people and their families, besides not offering capabilities that address the subject. **Descriptors:** Health care, Autistic disorder, Pediatric nursing.

RESUMO

Objetivo: analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família acerca do transtorno autístico. **Método:** pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, composta por 15 enfermeiros. Utilizou-se a entrevista semiestruturada. A análise de dados deu-se através da análise representacional, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CEP/UERN nº 124/11). **Resultados:** evidenciou-se insegurança e fragilidade no conhecimento dos enfermeiros sobre transtorno autístico em virtude de não terem conseguido definir autismo nem demonstrado vivência com pessoas autistas e relaram a inexistência de capacitações voltadas para o tema exposto. **Conclusão:** constatou-se déficit de conhecimento dos enfermeiros acerca do autismo infantil e inexistência de intervenções práticas realizadas com pessoas autistas e seus familiares, além da não oferta de capacitações que abordem o assunto. **Descritores:** Atenção à saúde, Transtorno autístico, Enfermagem pediátrica.

RESUMEN

Objetivo: evaluar el conocimiento y la práctica de las enfermeras de la Estrategia de Salud de la Familia sobre el trastorno autista. **Método:** investigación exploratoria, con el enfoque cualitativo, que consta de 15 enfermeras. Se utilizó una entrevista semiestructurada. El análisis de datos se realizó mediante el análisis representacional, aprobada por el Comité de Ética en la Investigación de la Universidad del Rio Grande do Norte (CEP/UERN nº 124/11). **Resultados:** se hizo evidente la inseguridad y la fragilidad en el conocimiento de las enfermeras acerca del trastorno autista porque no han logrado definir el autismo o la experiencia demostrada con las personas autistas y reportaron la falta de formación centrado en el tema. **Conclusión:** se observó un déficit de conocimiento de las enfermeras acerca del autismo infantil y la falta de intervenciones prácticas con las personas con autismo y sus familias, además de no ofrecer capacidades que abordan el tema. **Descritores:** Atención a la salud, Trastorno autístico, Enfermería pediátrica.

¹Enfermeira. Especialista em Saúde da Família pela Universidade Federal da Paraíba. Jardim do Seridó (RN), Brasil. E-mail: romeikacarla@hotmail.com; ²Enfermeira. Especialista em Gestão em Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Jardim do Seridó (RN), Brasil. E-mail: rinaldelda@bol.com.br; ³Enfermeiro. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal (RN), Brasil. E-mail: glauberweder@hotmail.com; ⁴Enfermeira. Mestra em Enfermagem. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Professora Assistente III, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Caicó (RN), Brasil. E-mail: mauravsobreira@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a gestão pública em saúde no Brasil tem se empenhado elaborando, discutindo e aprovando leis que tem dado mais autonomia e visibilidade à população que vive em desigualdade social, principalmente às minorias sociais. Hoje, muito tem-se discutido sobre inclusão social, direitos das pessoas com deficiência, com transtornos mentais, entre outros temas considerados importantes para o crescimento e desenvolvimento do país.

A discussão sobre assistência a pessoa com deficiência visa o desenvolvimento de habilidades e a inclusão social das mesmas, haja vista o preconceito enfrentado na sociedade. Nesta perspectiva, é importante entender que deficiência pode ser definida como uma lesão ou alteração anormal, estrutural ou funcional, afetando as funções psicológicas, fisiológicas ou anatômicas, temporariamente ou permanentemente, dos indivíduos, podendo ser classificadas em deficiência física, visual, sensorial, intelectual e mental.¹

Sujeitos com Transtorno Autístico (TA) e, conseqüentemente, seus familiares, sofrem com o preconceito e estigma social da doença, por ser uma síndrome que afeta as áreas de desenvolvimento psiconeurológico da criança, comprometendo seu desenvolvimento cognitivo, social e comportamental, interferindo diretamente no convívio e no estabelecimento de relações sociais com outras pessoas, dificultando sua adaptação ao meio em que vive. As características específicas de comportamento das pessoas com autismo juntamente com o grau de severidade do transtorno, podem contribuir para o aumento de estressores em potencial para familiares.²

O profissional enfermeiro pode colaborar de forma positiva para o diagnóstico e acompanhamento do TA, através de observações comportamentais de crianças, mediante a consulta para analisar o crescimento e o desenvolvimento, como também, podem auxiliar os progenitores dando apoio e informando-os quanto aos desafios e procedimentos assistenciais que os mesmos utilizarão no processo de cuidar da criança com autismo.

Se faz necessário a abertura de espaço para discussão da assistência de enfermeiros a pessoa com autismo, colaborando para um diagnóstico da realidade local, identificando as fragilidades, proporcionando a oportunidade de se (re)pensar a prática profissional. Ressalta-se a escassez em material bibliográfico acerca dessa temática na área da saúde, como também, destaca-se a complexidade do tema abordado em consonância do objeto de estudo, por ser revestido de tabus e estigmatização.

Considerando a fragilidade no atendimento integral, universal e com equidade, principalmente aos sujeitos supramencionados, questiona-se: Qual a prática e o conhecimento de enfermeiros da Estratégia Saúde da Família (ESF) no tocante à assistência à população com transtorno autístico? O estudo tem como objetivo: Analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família acerca do transtorno autístico.

MÉTODO

Estudo exploratório, com abordagem qualitativa, desenvolvido com 16 equipes da ESF de um município do interior do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil. Participaram 15 profissionais enfermeiros após atenderem os critérios: de inclusão – efetivos da ESF na zona urbana, vinculados a mais de seis meses e que concordaram em participar do estudo; e de exclusão – os que estavam de férias ou licença ou que atuassem enquanto profissionais itinerantes, assumindo as férias ou licenças, além da recusa em participar do estudo.

A produção dos dados ocorreu entre os meses de novembro e dezembro de 2012 a partir da técnica de entrevista semiestruturada, gravadas em dispositivo MP4 e transferidas e armazenadas em computador pessoal de um dos autores; logo após, transcritos na íntegra e revisados no Microsoft Office Word, os mesmos foram ordenados, classificados e reorganizados. Garantiu-se e manteve-se o sigilo dos participantes do estudo com o uso da abreviação ENF. seguida da numeração correspondente ao sujeito (ENF.01...ENF.15), em respeito à dignidade e defesa da vulnerabilidade

A análise dos dados se deu por meio da análise de avaliação ou também conhecida por análise representacional, a qual propõe uma avaliação das formas de opiniões ou de comportamentos a partir da realidade exposta, levando em consideração a direção e a intensidade das respostas e dos julgamentos cometidos.³ Portanto, os dados foram organizados em categorias, as quais se subdividiram de acordo com as opiniões que convergiram na mesma direção.

Este estudo oriundo do projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CEP/UERN) mediante parecer n° 124/11 e CAAE n° 0119.0.428.000-11. A pesquisa seguiu as recomendações legais e éticas da Resolução do Conselho Nacional de Saúde n° 196/1996, vigente no período de submissão da proposta de investigação ao CEP. Contudo, convém informar e afirmar que a Resolução com diretrizes e normas para pesquisas envolvendo seres humanos em vigor é a n° 466/2013, do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização dos participantes da pesquisa

Os sujeitos do estudo foram caracterizados quanto ao sexo, faixa etária, tempo de serviço prestado como enfermeiro e tempo de serviço atuando na ESF. Os resultados objetivaram revelar o perfil dos sujeitos estudados. Referente ao sexo dos participantes, constatou-se que dos 15 enfermeiros entrevistados, 73,3% são do sexo feminino e 26,6% são do sexo masculino. Com isso, pode-se perceber que ainda há uma grande influência do processo histórico/cultural da enfermagem no Brasil e no mundo, o qual é observado à

prevalência do sexo feminino nesta profissão devido as grandes considerações existente sobre os valores institucionalizados por Florence Nightingale.⁴

No que diz respeito a faixa etária, percebe-se que 73,3% estão entre os 25 e 29 anos de idade, caracterizando uma população de adultos jovens, o que pode influenciar na consolidação da estratégia, haja vista as transformações ocorridas nas últimas décadas nos currículos da graduação em saúde, permitindo a inserção de novas formas de fazer saúde.⁵

Com relação ao tempo de atuação como enfermeiro, 93,3% atua há entre dois e dez anos e 6,7% está a mais de dez anos operando como profissional de enfermagem, remetendo a uma transformação no pensar/fazer saúde que foi o pilar basilar da Reforma Sanitária que ocasionou na organização do Sistema Único de Saúde (SUS), possibilitando a inserção de profissionais com perfil voltado para o processo saúde-doença enquanto determinante social, sabendo lidar com situações diversas no contexto da comunidade.⁵

No que se refere ao tempo de serviço na ESF, 86,6% atuam há entre zero e quatro anos e 13,3% estão há mais de cinco anos. Confrontado os dados de tempo de formação com tempo de atuação, destaca-se que a ESF é a principal porta de entrada na vida profissional dos enfermeiros, principalmente em cidades interioranas e esta característica se dá pelo fácil acesso ao tipo de contrato de trabalho como também pela quantidade de unidades encontradas nas cidades, demandando uma maior oferta de emprego.

Neste cenário, o enfermeiro atua com mais autonomia; o seu trabalho tem maior visibilidade, além de ser mais valorizado, uma vez que a competência do enfermeiro para integrar a ESF está estabelecida em sua formação acadêmica, a qual o instrumentaliza para a realização de consultas, elaboração de diagnósticos, assim como à prescrição de enfermagem em toda a assistência.⁶

Aspectos neurológicos que envolvem o autismo

O usuário com autismo infantil apresenta várias dificuldades para o estabelecimento de um diagnóstico precoce e preciso, uma vez que nesta patologia são observadas muitas controvérsias, tendo em vista a variedade de sinais e sintomas com diferentes quadros clínicos que a mesma expõe.⁷

Pode-se definir autismo como uma síndrome que engloba múltiplas etiologias e compromete algumas áreas de desenvolvimento da criança, interferindo em suas habilidades de comunicação, comportamento e interrelação social, além de um repertório restrito de interesses e atividades.⁸ Isso explica a multiplicidade de discursos onde os enfermeiros relataram no decorrer das entrevistas sobre o conceito de autismo, porém, em grande parte das respostas foi observada a atribuição de apenas uma característica para definir o autismo. A partir dos conceitos expostos, extraíram-se palavras-chaves com o objetivo de discorrer sobre cada uma das características apresentadas.

Em relação ao conhecimento dos mesmos sobre autismo infantil, alguns destacaram como um distúrbio de origem neurológica:

O autismo infantil é quando a criança tem algum distúrbio neural [...]. (ENF.1)

É como um distúrbio neurológico, psicológico [...]. (ENF.2)

O autismo está intimamente ligado a disfunções neurológicas. É caracterizado como um transtorno que compromete várias áreas do desenvolvimento da criança, sem apresentar

uma definição etiológica comprovada. Porém, a principal hipótese provém da área neurológica, por ter sido identificadas alterações em regiões cerebrais como: o cerebelo, a amígdala, o hipocampo, entre outras estruturas. Esses dados sugerem um funcionamento anormal do cérebro em pessoas autistas.⁹

Com o aprofundamento teórico a partir desta presunção, confirma-se a existência de um atraso no desenvolvimento maturacional do cérebro e principalmente das partes já supracitadas, como também há uma depressão nas células de *purkinje* em crianças que apresentam o espectro autístico.¹⁰

Alterações comportamentais e comprometimento na interação social

Além das respostas com enfoque para os distúrbios neurológicos, houve alguns participantes que relataram outros sinais, como a agressividade, a dificuldade na interação social, introspecção, assim como presença de movimentos estereotipados:

[...] então assim, o que eu conheço, quais as características que eu percebia, era característica de agressividade, certo? [...]. (ENF.7)

Em outros discursos, fica claro a repetição de argumentos conceituais sobre o autismo que levam para o conhecimento desta síndrome marcada pelo isolamento e a dificuldade de relacionamento interpessoal. A fala de vários enfermeiros participantes da pesquisa abordam estas características:

[...] São de difícil relacionamento, não brincam com outras crianças. (ENF.14)

É uma doença que termina acarretando alguns distúrbios na interação com outras pessoas, no interesse por alguma coisa, na concentração daquela pessoa, na forma como ela se expressa, por que ela é uma pessoa mais introspectiva. (ENF.15)

Estas características mencionadas são as mais observadas dentro do comportamento usual de uma pessoa que apresenta autismo. O autismo é uma síndrome comportamental, em que a criança não consegue desenvolver suas habilidades de construção interacional, havendo uma dificuldade qualitativa de relacionar-se e comunicar-se de maneira comum com as pessoas, desde cedo na vida.¹¹

A criança começa a exibir uma falta de tentativa espontânea de compartilhar prazer, como expressa na fala de um dos sujeitos:

O pouco que sei sobre esse assunto é que as crianças com autismo elas vivem no mundo delas, né? [...] E fazem as coisas de maneira muito repetitiva, né? O que são ensinados a elas, elas fazem daquele jeito somente. (ENF.07)

Assim, faz com que não haja uma reciprocidade social ou emocional. O comprometimento qualitativo na comunicação é acentuado pelo atraso ou ausência total de desenvolvimento da linguagem falada, e nos casos em que a fala é adequada, existe um marcante comprometimento da capacidade de iniciar ou manter um diálogo, como também, torna-se comum o uso estereotipado e repetitivo da linguagem ou linguagem idiossincrásica.¹²

Aspectos genéticos do autismo

Apesar da etiologia do autismo ser totalmente desconhecida, alguns estudiosos acreditam que há uma relação muito próxima entre o autismo e possíveis fatores genéticos associados a doença, expressa por um dos entrevistados:

O autismo infantil ele acontece devido alterações genética da pessoa [...]. (ENF.6)

Além das causas neurológicas, estudos mostram que o fenótipo autista é amplamente variado. Têm sido descritos tanto autistas clássicos, com ausência de comunicação verbal e deficiência mental grave, quanto autistas com sociabilidade comprometida, que apresentam habilidades verbais e inteligência normal.¹³

Desconhecimento etiológico do autismo

Ao longo das entrevistas foi possível perceber a insegurança, fragilidade de conhecimento, como também foi observado o desconhecimento por parte dos enfermeiros sobre a temática em discussão:

[...] se eu for dizer a você o que eu sei compreender o que é uma doença autista, os sintomas e o que ela causa, eu lhe digo que eu não sei. (ENF. 9)

Com esta fala, fica proposta a busca e investigação acerca da problemática que envolve toda essa carência de conhecimento sobre o assunto. Isto leva a pensar a respeito das possíveis causas que induzem a esse discurso, e ao mesmo tempo fazer entender e compreender tal deficiência. Fica claro que o tema é pouco estudado no Brasil, como também são poucas as produções bibliográficas acerca do assunto, não chegando assim até os profissionais. Ainda não há uma percepção da tamanha importância do desenvolvimento de pesquisas que enfoquem a relação paciente-enfermeiro e que norteiem a prática do profissional de enfermagem para melhor atender e cuidar do paciente autista.

Assistência de enfermagem a criança autista

Quando questionados sobre o fato de ter prestado assistência à pessoa com autismo, dentre os 15 enfermeiros entrevistados, 13 destes relataram nunca ter prestado assistência a estas pessoas e um teve contato com uma criança autista devido uma disciplina durante a graduação, porém, não houve a prestação de nenhum tipo de assistência à criança, justificando o comprometimento no desenvolvimento interacional que o mesmo apresentava:

Pronto, lá não era bem uma assistência que a agente prestava que era no estágio de saúde coletiva, a gente só fazia palestra essas coisas, sabe! Mas assim, atendimento, consulta não, tinha contato com a criança, mas era muito complicado, assim, o contato com eles porque eles não interagem né! Pelo menos o que eu tive não interagiu. (ENF.8)

Um enfermeiro destacou observação:

Já. [...] mas foi uma observação de atenção básica mesmo né! [...] ele era bem cuidado, a mãe cuidava bem dele. E nele eu percebia mesmo biologicamente falando, ele é normal. (ENF.7).

Com relação a presença de crianças autistas ou em processo de diagnóstico em cada área de abrangência competente aos enfermeiros entrevistados, todos relataram não possuir, ou não conhecer nenhuma criança autista que habite sua área. Apesar do autismo não ser uma patologia muito rara, atinge cerca de 8 a cada 10 mil indivíduos e sua maior incidência ocorre no sexo masculino.⁹ No município onde os enfermeiros desenvolvem suas atividades laborais, não apresenta um número considerável de autistas, e se existem pessoas com essa síndrome, surgem as seguintes indagações: Aonde estão estas pessoas? Em que serviço de saúde as mesmas são atendidas? Estas pessoas possuem outras comorbidades? Se possuírem, onde estão recebendo assistência?

Segurança na prestação de assistência adequada a pessoas com autismo

Ao serem questionados sobre o preparo dos enfermeiros no tocante à prestação da assistência às pessoas com autismo, apenas um participante afirmou possuí-la, porém, o mesmo ressaltou a falta de insumos e diretrizes que norteassem o cuidado a pessoa com autismo:

Preparada? Me sinto! Agora, o grande problema é que aqui [...] não tem nenhuma diretriz no tratamento desse paciente, nenhum fluxograma, nada que direcione esse paciente para o tratamento, nada disso. (ENF.5)

Outros três participantes afirmaram estarem preparados parcialmente. Um deles relatou:

Através da especialização, um pouco! Mas assim, através de encaminhamentos mesmo, por que a Estratégia não oferece condições. (ENF.12)

Os demais participantes não se sentem preparados, devido à falta de capacitações, aprofundamento teórico e deficiência no processo formativo dos mesmos com relação a este tema:

Não. Porque na formação não se viu a parte de saúde mental foi muito resumida [...]. Eu não fui capacitada pra cuidar de autista, poderia investir, participar de treinamentos e capacitações, mas no momento identificar uma criança com autismo e agir da forma que ela precisaria hoje, eu não estou capacitada não. (ENF.2)
[...] na vida acadêmica é um tema que não é muito abordado no tempo que eu fui estudante pelos docentes, então eu particularmente eu não me sinto preparado, teria que ter uma capacitação, uma melhor informação sobre o tema para que a gente pudesse abordar melhor e até ter uma percepção melhor quando visse alguma pessoa com autismo. (ENF.11)

Portanto, torna-se imprescindível destacar a importância do desenvolvimento de pesquisas científicas que abordem sobre a relação paciente-enfermeiro, a fim de nortear a prática do profissional de enfermagem para melhor atender e cuidar do paciente autista. Com isso, o profissional perceberá o relevante papel que o mesmo possui, havendo a necessidade de capacitação, com o intuito de proporcionar o acesso ao conhecimento das diferentes técnicas de comunicação e orientações a respeito do comportamento autístico,

com o objetivo de facilitar o estabelecimento de vínculo com a família do paciente a partir do conhecimento adquirido e perpassado, facilitando a intervenção e a interrelação familiar.

A importância da assistência de enfermagem as pessoas com autismo

A ligação entre o enfermeiro, a pessoa autista e seus familiares torna-se de fundamental importância, uma vez que no desempenho do trabalho da enfermagem denota-se um olhar cuidadoso, desprovido de preconceitos, atento às necessidades do outro e ao seu sofrimento, visto que na maioria das vezes haverá a dificuldade de expressão oral por parte do autista, cabendo ao enfermeiro a escuta e prestação de assistência diferenciada. É necessário ler as entrelinhas, olhar além do que é visível aos olhos, pois saber cuidar implica em preocupar-se, atentar-se ao outro, sendo essa, a essência da vida humana.

Essa diferenciação da assistência implica em um atendimento multiprofissional que tenha por objetivo qualificar o cuidado, através de orientações aos familiares sobre o autismo, criação de planos terapêuticos que visem à singularidade de cada criança ou paciente, para que possa proporcionar uma melhor qualidade de vida a todos os envolvidos. Nos discursos dos participantes da pesquisa, pôde-se perceber uma preocupação constante com esses detalhes que merecem destaque ao ser prestado uma assistência adequada:

*[...] até porque a criança com autismo mais do que ninguém precisa de um atendimento multiprofissional. (ENF.04)
Assim, tudo é um detalhe, tudo você tem que perceber... Não é a mesma coisa. Uma criança autista ela num vai dizer: ai! ta doendo aqui! ai! eu to com isso! ai! eu to com aquilo, não! Você tem que criar métodos pra perceber isso [...]. (ENF.8)*

Dessa forma, sugere-se aos enfermeiros pesquisar e se aprofundar sobre o assunto, elaborar estudos com o intuito de se criar cuidados e intervenções específicos de enfermagem para estas pessoas e seus familiares, além de tentar proporcionar uma melhor qualidade de vida, como também, planejar ações que visem a inserção do mesmo na sociedade, estimulando os familiares a participarem ativamente desse processo de ressocialização.⁷

São de competência do enfermeiro a criação e condução de um ambiente terapêutico, visto que são os profissionais que passam maior tempo em contato com os pacientes em relação aos outros profissionais na área da saúde.⁷ Dentre os principais objetivos do ambiente terapêutico tem-se: ajudar o paciente a desenvolver o senso de autoestima e autocuidado; estimular sua capacidade de relacionar-se com os outros, dando ênfase na construção de laços interrelacionais com toda a equipe multiprofissional; ajudá-lo a confiar nas pessoas; ajudá-lo a voltar à comunidade com mais maturidade e preparado para o trabalho e para a vida, acolhendo-o de forma integralizada, respeitando seus direitos legais como cidadão e pessoa com deficiência, entre outros. Assim, os seguintes sujeitos relataram:

[...] a gente precisa ta junto, tanto da pessoa que tem autismo, quanto dos familiares, ajudando a identificar problemas de acordo com que cada um apresenta. Fazer com que o meio seja favorável pra poder crescer e desenvolver né? Sendo incluído né, na sociedade

como uma pessoa que tem no caso o autismo, mas que possa ser inserido normal, que possa ter uma vida normal, acredito que seja o papel do enfermeiro ta junto, mas ajudando ele e a família. (ENF.10)

Sim, por que o enfermeiro, principalmente na ESF, ele constrói um vínculo com a comunidade, com os usuários que vem, então, pra família isso é muito importante ter que acompanhe que conheça todo o histórico, então o enfermeiro vai está diretamente relacionado a tudo isso, né? [...]. (ENF.13)

Portanto, o enfermeiro tem capacidade de proporcionar uma assistência adequada para as crianças com autismo, como também perceber as pessoas com necessidades especiais como parte do mundo, a qual não se deve omitir por medo dos obstáculos. Estes devem ser enfrentados com perseverança, pois, fica claro a importância do auxílio e participação dos enfermeiros no processo de prevenção, promoção e reabilitação da saúde, promovendo melhor qualidade de vida a estes pacientes e seus familiares.

CONCLUSÃO

Diante dos resultados, pode-se perceber um grande déficit de conhecimento dos enfermeiros desta pesquisa acerca do autismo infantil, haja vista as poucas características relatadas pelos mesmos sobre esta patologia. Isto pode ser compreendido pelo fato de que, o autismo apresenta uma grande variedade de sinais e sintomas, além de suas variadas etiologias. Porém, os resultados também deixam claro que as grades curriculares da área de Enfermagem pouco trabalham o tema, ou não o expõe.

Ressalta-se que durante as entrevistas não foram citadas nenhuma ação realizada pelos mesmos que abordassem o referido assunto, apesar de ser muito comentada durante os discursos a importância de planejar ações que atendam às necessidades da criança e de seus familiares. E com isso, sentiu-se falta, de uma forma mais clara, de elencar tais ações.

Observa-se também como lacuna do estudo não ter sido mensuradas e avaliadas as Redes de Atenção à Saúde (RAS) no âmbito da atenção básica, prioritariamente a Rede de Cuidados a Pessoa com Deficiência, uma vez que a mesma prioriza linhas de cuidados onde organiza ações e serviços ofertados ao público alvo, uma vez que a RAS voltada para a pessoa com deficiência foi implantada no ano de 2011.

A busca constante de conhecimento e atualizações, como também o desenvolvimento de trabalhos que venham a contribuir com o saber, incentiva a realização da educação permanente e continuada em saúde que faça abordagem o tema, uma vez que o autismo ganha cada vez mais visibilidade devido o entendimento de que é uma síndrome que acarreta a exclusão social, levando a um degradante déficit de desenvolvimento em áreas importantes de cognição e aprendizagem.

Por fim, é importante ressaltar que ao cuidar de um autista deve-se também considerar a família e a comunidade em que o mesmo está inserido, preocupar-se na

desconstrução dos pré-conceitos e formulação de novos conceitos e esperanças de melhor qualidade de vida, por que ser enfermeiro é saber cuidar, acalantar e produzir novas formas de saber/fazer em enfermagem.

REFERÊNCIAS

1. Bernardes LCG, Maior IMML, Spezia CH, Araujo TCCF. Pessoas com deficiência e políticas de saúde no Brasil: reflexões bioéticas. Ciênc saúde coletiva. [internet]. 2009 [cited 2014 July 31];14(1):31-38. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n1/a08v14n1.pdf>.
2. Schmidt C, Bosa C. A investigação do impacto do autismo na família: revisão crítica da literatura e proposta de um modelo. Interação psicol. [internet]. 2003 [cited 2014 July 31];7(2):111-120. Available from: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/view/3229/2591>.
3. Minayo MCS. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. 29ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
4. Matos IB; Toassi, RFC, Oliveira MC. Profissões e ocupações de saúde e o processo de feminização: Tendências e Implicações. Athenea Digital [internet]. 2013 [cited 2014 July 31];13(2):239-244. Available from: <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/Matos>.
5. Marqui ABT, Jahn AC, Resta DG, Colomé ICS, Rosa N, Zanon T. Caracterização das equipes da saúde da família e de seu processo de trabalho. Rev Esc Enferm USP [internet]. 2010. [cited 2014 July 31];44(4):956-61. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n4/14.pdf>.
6. Araújo MFS, Oliveira FMC. A atuação do enfermeiro na Estratégia de Saúde da Família e sua satisfação profissional. CSONline [internet]. 2009 [cited 2014 Jul 31];(14):03-14. Available from: http://www.cchla.ufpb.br/caos/n14/DOSSIE%20SA%C3%9ADE_TEXTO%20I_ATUA%C3%87%C3%83O%20DO%20ENFERMEIRO.pdf.
7. Santos Júnior WC. O autismo infantil e enfermagem: uma revisão bibliográfica. [monografia]. Brasília: Centro Universitário de Brasília; 2007.
8. Pereira A, Riesgo R, Wagner MB. Autismo infantil: tradução e validação da Childhood Autism Rating Scale para uso no Brasil. J pediatr (Rio J) [internet]. 2013 [cited 2014 Jul 31];84(6):487-494. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v84n6/v84n6a04.pdf>.
9. Garcia PM, Mosquera CFF. Causas neurológicas do autismo. O Mosaico [internet]. 2011 [cited 2014 Jul 31];5:106-122. Available from: http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Comunicacao_2012/Publicacoes/O_Mosaico/Numero_5/OMosaico5_Art_08_PriscilaMertensGarcia.pdf.
10. Gadia C, Tuchma R, Rotta NT. Autismo e doenças invasivas do desenvolvimento. J pediatr (Rio J) [internet]. 2004 [cited 2014 Jul 31];80(2):583-594. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v80n2s0/v80n2Sa10.pdf>.
11. Camargo SPH, Bosa C A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. Psicol soc. [internet]. 2009 [cited 2014 Jul 31];21(1):65-74. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n1/08.pdf>.
12. Souza JC et al. Atuação do psicólogo frente aos transtornos globais do desenvolvimento infantil. Psicol ciênc prof. [internet]. 2012 [cited 2014 Jul 31]; 24(2):24-31. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n2/v24n2a04.pdf>.
13. Carvalheira G, Vergani N, Brunoni D. Genética do autismo. Rev Bras Psiquiatr. [internet]. 2013 [cited 2014 Jul 31];26(4):270-272 Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v26n4/a12v26n4.pdf>.

Recebido em: 01/08/2014
Revisões requeridas: Não
Aprovado em: 19/01/2015
Publicado em: 01/07/2015

Endereço de contato dos autores:
Romeika Carla Ferreira de Sena
Av. Dr. Fernandes, 357, Centro, Jardim do Seridó (RN), CEP: 59343-000.
E-mail: romeikacarla@hotmail.com